

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E
GÊNEROS – GEPEM
19 a 21 de novembro de 2019
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Feminismos, Gênero e Interseccionalidade

**A SUBALTERNIZAÇÃO NA VIDA DE MULHERES
NEGRAS COMO EMPREGADAS DOMÉSTICAS NO
MERCADO DE TRABALHO
EM BELÉM: TRAJETÓRIAS DE VIDA NO SÉCULO XXI**

Alessandra Viviane
Vasconcelos Bezerra-UNAMA
Danielle Silva da Silva-UEPA

A SUBALTERNIZAÇÃO NA VIDA DE MULHERES NEGRAS COMO EMPREGADAS DOMÉSTICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM BELÉM: TRAJETÓRIAS DE VIDA NO SÉCULO XXI

Alessandra Viviane Vasconcelos Pereira¹
Danielle Silva Silva²

RESUMO

O presente trabalho objetiva tratar de vidas de mulheres negras no mercado de trabalho na capital de Belém do Pará, a partir das minuciosas pesquisas já existentes, documental e bibliográfica, entrecruzando dados se observa a posição social em que mulheres negras domésticas amazonianas estão, como consequência de um histórico escravista que a condiciona a situação subalterna. Procura-se observar suas especificidades de mulher negra, sua classe raça e gênero. A partir de relatos de mulheres negras no ofício de empregadas domésticas se observam seus sonhos e suas perspectivas, as faltas de políticas públicas para sua ascensão e inclusão social. Analisa-se a partir de recursos epistemológicos da interseccionalidade que é a base do feminismo negro para que se compreenda os fenômenos sociais?

Palavras-chaves: empregadas; domésticas; mercado; feminismo; negro

ABSTRACT

The presente work aims to deal with the lives of black women the labor market in the capital of Belém of Pará, based on the minute researches, documentary and bibliographic, introducing data to observe the social position in which domestic black woman amazonian are, as a consequence of a slave history that conditions it to the 6 situation. We seek to observe her specificities as a black woman, her race and gender class. From reports of black woman working as maids, their dreams and perspectives are observed, the lack of public policies for their is the basis of black feminism to understand social phenomena.

Keywords: maids; households; market; feminism; black

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente abordar vidas de mulheres negras como empregadas domésticas no mercado de trabalho em Belém, é complexificar o tema e por em debate a luz da teoria do feminismo negro, sendo assim compreendendo tais fenômenos sociais que são ignorados dos poderes públicos, como também da sociedade, logo essas vidas são invisibilizadas, no entanto sua importância nos interiores das famílias se torna imprescindível para que outras mulheres venham estar no mercado de trabalho, é nesse modelo que se observa o serviço subalterno em que está condicionada as empregadas domésticas negras e é demarcada o racismo e a forma perpetuada de servidão.

1.1 Críticas Teóricas do Feminismo Negro

¹ Bacharela de Relações Internacionais, Pesquisadora no GENERI- Gênero e Relações Internacionais-UNAMA, membro do PSOL.

² Bacharela em Relações Internacionais-UNAMA, Especialista em Docência do Ensino superior - UNAMA, MBA em Gestão de Negócios Internacionais e Comércio Exterior-Universidade Braz Cubas, professora de Tecnologia do Comércio Exterior e Relações Internacionais- UEPA

A princípio, é de se esperar que o movimento feminista trouxesse com ele mudanças significativas para as mulheres, entretanto frequentemente via-se que muitas pautas políticas interessantes às mulheres negras não estavam inseridas como questões essenciais no processo de reivindicações, tendo poucos reconhecimentos entre as críticas feministas mainstream/dominantes.

Conseqüentemente o feminismo negro surge dentro de um complexo contexto de crítica social, pois se situa dentro da luta antirracista do movimento negro e ao mesmo tempo como crítica ao movimento feminista dominado por mulheres brancas e agendas políticas excludentes, portanto considera o gênero, a raça e a classe social, e, inclusive, aponta que a luta da mulher negra inicia com sua luta abolicionista e antiescravista no século xx, nos Estados Unidos (PINTO, 2010)

Portanto, desde cedo, a luta das mulheres negras não somente era por liberdade e direitos iguais, mas também por sua sobrevivência, por sua condição de escrava fugitiva, pelo direito à cidadania e até mesmo pela dignidade de ser humano, ora aprisionada a uma condição serviçal segundo Davis (2016)

Além disso, a autora destaca que as mulheres negras também estavam no movimento sufragista, reivindicando o direito ao voto pelas mulheres negras, no entanto essa luta foi complexa e cheia de paradoxos, devido os homens negros não as incluíram em suas pautas, segundo Pinto (2010) a luta pelo direito ao voto se inicia na Inglaterra e reflete também no Brasil com Bertha Lutz.

O Feminismo Negro como teoria recebe contribuições das norte-americanas, Ângela Davis, Bell Hooks, Audre Lorde, Patrícia Hill Collins, Kimberley Crenshaw, Alice Walker, , ativistas sul-americanas negras como Sara Gomes e Virginia Brindis de Salas, também as africanas como Grada Kilomba, Chimamanda Ngozi Adichie, as teóricas brasileiras que tiveram participação ativa na política nos anos de Ditadura Militar como Lélia Gonzáles, Suely Carneiro, Luiza bairros, mais atualmente Djamila ribeiro, dentre outras, essas escritoras e autoras de célebres obras trouxeram legitimação ao arcabouço teórico do feminismo negro.

Logo, não se pode deixar de citar mulheres negras amazônicas, com características peculiares, o que é uma diversidade do movimento feminista e principalmente o feminismo negro, se caracteriza por ser diverso, os universos são diferentes, as pautas são diversas, não se pode falar de feminismos sem que se fale de pluralidades, diversidades, como afirma Prates (2012) há muito de se entender e conhecer suas histórias, outrora apagadas, como também acrescentar a luta LGBTQI+, lutas por direitos e representatividade no mercado de trabalho, na arena política, econômica, acadêmica, no setor privado e público.

Por conseguinte as contribuições teóricas do feminismo negro, expressado por Davis (2016), recebem influências de suas precursoras. Essas mulheres são figuras essenciais. Logo, se torna impossível negligenciar e passar por cima de suas lutas, pois deixaram um legado extremamente rico para as ativistas contemporâneas. Contudo, trazer para a contemporaneidade era desafiar o sistema vigente hegemônico, que omite da história personagens heroicas, que estariam invisibilizadas e protagonizaram lutas por direitos das mulheres negras no século XIX.

Ella Reeve Bloor nascida em 1862 também ativista e articuladora operária lutou pelas causas do direito das mulheres negras Lucy Parsons, nascida em 1887, era ativa no partido Trabalhista, líder operária e defensora do anarquismo, escrevia poemas e artigos, ficou conhecida por ser uma das fundadoras do Sindicato dos Trabalhadores de Chicago (DAVIS, 2016, p. 49).

Logo a exclusão se dava através da raça e conseqüentemente da classe, conforme análises feitas por Crenshaw (2002), a qual foi a primeira a mencionar interccionalidade, segundo Ribeiro (2016) reforçando com Audre Lorde (2014), que trouxe novas demandas e especificidades das mulheres negras, abrindo diálogos para sexualidade, e fazendo analogia entre o erótico e o poder. Pois dentro do próprio feminismo negro existiam diversidades, e Lorde (2014) chama a atenção para essas peculiaridades das mulheres negras.

Ângela Davis em sua obra “Mulheres, raça e classe” de 1982, posteriormente traduzida para o português em 2016, não cunhou o termo interccionalidade mas afirmou ser indissociável a etnia, o gênero e a classe, afirma Ribeiro (2016). Entretanto é necessário enfatizar que a crítica do feminismo negro denunciou a ausência de olhares interseccionais na luta pela igualdade de gênero, de modo a sugerir que mulheres negras não eram consideradas mulheres femininas, eram estereotipadas, ora na figura da mãe Preta ora a figura hipersexualizada, assim, elas não serviam para o casamento (DAVIS, 2016; RIBEIRO, 2016)

Conseqüentemente, na terceira onda, na década de 70, no EUA, refutam as teorias feministas pré-estabelecidas e se levanta a bandeira do antirracismo, fazendo a análise teórica central, de que mulheres negras estavam em condições de classes desiguais por questão não só de raça, como também de gênero o que as condicionaram a classes inferiorizadas, devido à falta de oportunidades por seu passado histórico escravista (GONZALEZ,2018)

Apesar de ter em sua genealogia forte relação com as contribuições teóricas e ativistas de feministas negras norte-americanas, é fato que o feminismo negro não se limita apenas aos Estados Unidos, pois é um movimento que repercute por vários

lugares do mundo, como também no Brasil. Adquirindo marcas específicas de lutas de classes, as mulheres negras não se enquadraram no padrão hegemônico de luta feminista, não se identificaram e buscaram representatividades nas arenas políticas, na vida social e no mercado de trabalho(GONZALEZ, 2018)

Portanto no Brasil, são diversos os nomes que compõem o feminismo negro: Lélia Gonzalez, Sueli Carneiro e Djamila Ribeiro. Fortificaram-se os movimentos ideológicos por menos preconceitos às mulheres negras brasileiras e minorias, que incluem em suas pautas, as causas LGBTQI+, sendo assim, essa representatividade ganhou forças no espaço acadêmico como também em movimentos organizados.

Logo, o feminismo negro tem grandes nomes de brasileiras lutando por uma sociedade mais justa, representados por movimentos que já deixaram suas marcas na história da mulher negra brasileira, sem citar os grupos de pesquisas dos centros acadêmicos em todo o Brasil, proporcionando conhecimento e produção (RIBEIRO, 2016)

1.2 Mulheres Negras no mercado de trabalho em Belém

Primeiramente basear a vida de mulheres negras, a luz da teoria do feminismo negro, é a análise necessária para a compreensão da inserção da mulher negra no mercado de trabalho, segundo Hooks(2015), sendo assim ela vai denominar “algo a mais” como profissões, esse espaço, a mulher negra já ocupava, o que se busca , é a ascensão a espaços em que outrora a mulher negra é excluída.

Por conseguinte ao se observar mulheres negras amazônidas, com um perfil de lutas e resistências, na atual conjuntura do século XXI, faz-se uma analogia ao seu passado escravista, conclui-se que no mercado de trabalho ela se apresenta como uma mulher que ascendeu, ocupou espaços que supostamente não poderiam, devido seu histórico de vida de exclusão, na atual conjuntura ela está nas arenas políticas, como ativistas, exercendo liderança, nas grandes instituições, nos espaços acadêmicos, na cultura de entretenimento.

No entanto, é de imprescindível e de total importância observar e problematizar os espaços que elas em sua maioria ainda não ocupam, espaços subalternos no mercado de trabalho em Belém, assim, sendo invisibilizadas pelo estado e pela sociedade, o que mostram estudos desde 2003, enquanto houve mudanças nas famílias e no mercado de trabalho a mulher negra ocupa a base da pirâmide social, a mulher negra amazônida está em desvantagem quando comparada com outras regiões do Brasil, ela tem menos acesso à educação, a qualificação, a saúde, logo, fica demarcado os lugares subalternos a qual foi condicionada, e inviabilizada ao longo de sua formação histórica essa é umas das críticas do feminismo negro (IPEA/UNIFEM, 2003)

É de grande relevância rever a questão racial no Brasil, pois, diferentemente do resto do mundo é considerado um país de uma miscigenação muito forte, carrega o mito que essa miscigenação se deu de forma pacífica, no entanto para Gonzalez (2018), ocorreu por meio de lutas e resistências de escravas que foram violentadas por seus senhores.

Sendo assim, preconceito, racismo, segregação racial, ainda permeia a sociedade brasileira, logo, deve ser debatida em todos os espaços, portanto o feminismo negro e os movimentos de lutas estão mudando esse retrato, mulheres que não se consideravam negras, apenas pardas, por terem a pele mais clara, nas últimas pesquisas já se autodeclararam negras e estão na mesma categoria dos pretos, observou-se quando nas pesquisas elas afirmavam serem negras, obtendo uma auto afirmação de sua identidade como um ser que modifica e transforma sua própria realidade, que foram criadas (IBGE, 2018).

As contribuições do feminismo negro foram relevantes para a inserção das mulheres negras nos espaços que havia predominância de brancos, atualmente a realidade está muito aquém da igualdade de direitos às mulheres, quando se menciona a mulher negra esses números diminuem consideravelmente. No entanto, precisa-se lutar por mais avanços, no que tange o mercado de trabalho em Belém, logo, as crises financeiras, impactam e arrastam mulheres negras para a informalidade, mas essa busca pelo empreendedorismo é por necessidades, sendo assim ela não é planejada, segundo DIEESE (G1/PA, 2016)

Embora houvessem poucos avanços abriu-se espaços para diálogos constantes e crescentes, em Belém não é diferente das capitais brasileiras a mulher negra amazônica é lutadora, de grupos formados, a citar Zélia Amador, uma das fundadoras do CEDENPA-Centro de Estudos do Negro do Pará, mulher negra e de descendência humilde que com determinação e insistência marca a história da mulher belenense, formando uma instituição que se ocupa das causas negras e de mulheres negras que reivindicam por representatividade.

Portanto é a ocupação de espaços, posições de destaques no setor público e privado, é a crítica do feminismo negro, pois apenas 24% é empregada com carteira assinada, dessas empregadas formalmente 21% dessas mulheres negras na posição de empregadas domésticas, as mulheres negras estão atrás dos homens negros, nas grandes corporações, 44% dos dirigentes são homens brancos, enquanto as mulheres negras são apenas 9,3% esses são espaços considerados predominantemente masculinos e brancos, a luta do feminismo negro são por implementações de políticas públicas de inclusão, para que a mulher negra deixe de ser periférica e sem qualificação, e exista a possibilidade de mudar, a exemplos das cotas nas universidades, diminuindo os contrastes (DEUS,2008)

Consequentemente a população de mulheres em 2012 era de 51% da população, e de

mulheres negras quase 52%, no norte do país o percentual sobe para 72,2% contra 23% de mulheres brancas, RASEAM, (2014), dados de 2013, 53,6% das mulheres negras são chefes de famílias. No entanto, a mulher negra é a grande massa da população, ainda marginalizada e não ocupa espaços privilegiados como a maioria de mulheres brancas, além de iniciar o trabalho com menos idade, ela também trabalha mais horas diárias. É uma problemática de interseccionalidade que se estruturou, afirmam (CRENSHAW, GONZALEZ, 2003).

Contudo, afirmar que as relações de trabalho no Brasil foram projetos políticos de Estado, excluindo a população negra, empurrando para a marginalidade toda uma população afrodecendentes, demarcando uma relação racial do trabalho, segundo Gonzalez (2018), logo, afirma que as mulheres negras eram excluídas para vagas de empregos a partir dos anúncios nos jornais, quando se pediam “boa aparência”, se relacionava a cor, ficando demarcado o racismo e exclusão da mulher de cor negra e cabelos crespos e curtos.

Por conseguinte, a herança que se adquiriu em um passado escravista, ainda perpetua no século XXI, uma pesquisa realizada em 2001 em dois shoppings centers da Capital de Belém, analisou o biotipo da mulher que trabalha em sua lojas, deve ser branca, jovem, loura, cabelos longos, de preferência olhos claros, logo, a mulher negra era preterida pela mulher branca, os processos seletivos selecionaram os perfis de pessoas negras a ficarem com as vagas de serviços de limpeza, caracterizando o racismo.(AMARAL, 2001)

Conclui-se que a mulher negra da capital de Belém, ainda em sua maioria ocupa postos de trabalhos informais, em sua maioria mão de obra “desqualificada”, ocupando assim o posto de empregada doméstica, nas residências, nas empresas, serviços de limpeza em geral, na informalidade, diaristas, cozinheiras, ambulantes, feirantes (PEIXOTO e SILVA, 2016)

Portanto, complexificar a subalternidade a que essas mulheres estão por seu passado escravista, é debater com o governo, academia e a sociedade, espaços que foram negados a ela por falta de políticas de inclusão social, sendo assim debater o tema é expor e mostrar a sociedade que ela tem voz e pode ter vez, pode e deve ascender, logo essa é a essência da luta dos movimentos das mulheres negras, e sua agenda global defendida pelo feminismo negro (COLLINS, 2017)

1.3 Empregadas Domésticas: experiências do Cotidiano

A fim de complexificar o debate do ofício de empregadas domésticas no mercado de trabalho, foram entrevistadas quatro mulheres, buscou-se ouvir suas experiências a partir de seus relatos, com entrevistas semiestruturadas elas expõem suas vidas, sonhos e esperanças, como também suas indagações, a partir disso, se observa cada particularidade da mulher negra como empregada doméstica em Belém, ela é negra,

periférica, sem estudos concluídos e com muitos sonhos, cheia de garra e determinação, não tem medo do trabalho operacional, braçal (PINSKY, PEDRO, 2012)

Conseqüentemente, a função de empregada doméstica nos interiores das famílias se dá em um espaço privado, logo, problematizar tal tema é um recurso recente, que as pautas do feminismo nas décadas de 70 e 80, vem usando para expor o debate que vidas de mulheres trabalhando a subjetividade e que questões pessoais importam, podendo impactar toda a sociedade, pois elas formam a base, partindo do privado para o público, no entanto, estão desprovidas de políticas públicas que as incluam nas esferas sociais (MENEGHEL, MARANHÃO, 2005)

Contudo afirmar, que as mulheres negras sempre estiveram no mercado de trabalho ainda que de forma invisibilizada, é uma das premissas do feminismo negro, é expor essa mulher que esteve ao lado das mulheres brancas para que elas pudessem ir as ruas e reivindicar por espaços de trabalho segundo Collins (2017) elas eram as amas, cozinheiras, governantas, um papel de suma importância para a mulher branca criar seus filhos e administrar suas casas (PINSKY, PEDRO, 2012).

A mulher negra belenense, amazonidas, urbana, que batalha por sua sobrevivência, ela na maioria da vezes, não tem acesso ao estudos, saúde e educação de qualidade, não podem muitas vezes continuar e concluir os estudos, devido as longas jornadas de trabalho, pois já assumiu obrigação com filhos e netos, ela é na maioria das vezes até alheia a lutas dos movimentos feministas que ocorrem, por não dispor de tempo para os estudos de certo que não está nos movimentos de ativismos, e na maioria das vezes surge um grande abismo entre as teorias, os movimentos, os centros acadêmicos e as mulheres periféricas negras que trabalham por longas jornadas de trabalho em residências, segundo (COLLINS, 2017)

T.P.V mãe de 2 filhos, 33 anos, cursa o técnico de radiologia, tem companheiro, há 8 anos trabalhando em casa de família, iniciou como babá, mas ao longo dos anos foi lhe atribuída várias funções.

Eu trabalho com carteira assinada, tenho folga no sábado a tarde, trabalho das 9 as 19, eles pagam certo, mas claro que sempre tem ser melhor pro lado deles, né? Meu sonho é continuar os estudos, ter um curso técnico, não parar mais de estudar, é difícil, muito difícil, mas Deus vai me ajudar a seguir em frente.

De acordo com a herança escravocrata, as escravas livres, na década de 1870, logo após a abolição, passaram a desempenhar funções de domésticas, logo a mulher negra da diáspora africana não evoluiu junto as transformações que o país passava, “o serviço

doméstico continuaria o serviço mais comum das mulheres pobre urbanas” (PINSKY; PEDRO, p.53, 2011)

A.H.L.A, 55 anos, cursou até o 3º ano do ensino fundamental , sempre trabalhou deixou os estudos para ajudar nas despesas de sua casa, trabalha com carteira assinada em casa de família, mais faz horas extras, como encomenda de comidas, faxinas em outras residências, não tem companheiro, e fala que ajuda suas filhas e seus parentes, e também tem condições de manter uma mercearia. Ainda tem sonhos de mudar de vida, fazer um curso de massagista porque já criou suas filhas e agora tem mais tempo para si.

Eu sempre trabalhei, por isso deixei os estudos para trabalhar ajudar minha mãe, vim do interior, e dai não pude voltar a estudar , mas hoje tenho o sonho de ser massagista, gosto muito de fazer massagem em idosos, gora com minhas filhas já criadas, tenho mais tempo pra mim.

Consequentemente, as longas e exaustivas jornadas de trabalho é que fazem com essas mulheres fiquem presas a essas funções, não tendo tempo para si mesmas, ou até mesmo ascender, fazer um curso, mudar de vida, relembrando as escravas que eram propriedades de seus senhores.

E.N não completou os estudos, quando jovem assinou sua carteira como costureira, mas devido a falta de trabalho, não conseguiu trabalhar de carteira assinada e fez faxinas informais, e agora está travando uma batalha para se aposentar, mas como ficou muito tempo na informalidade torna-se difícil

Fui levando, levando sem carteira assinada fazendo faxinas aqui e alí, que agora não adianta mais, já quero me aposentar, vai ser difícil, mas vou atrás, não pude completar os estudos, agora não dá mais.

Apesar dos ganhos pela lei com a PEC das domésticas, como ficou conhecida a lei que regulariza o serviço das empregadas domésticas, não abrange ganhos como salário-família, horas extras, como também jornada de trabalho, a lei conseguiu se equiparar com as categorias trabalhistas, no entanto a realidade para implementação das mesmas diferem na prática. (SILVA et al, 2017)

M.G.V 58 anos, 1 filho, seu companheiro faz pequenos serviços informais, ficando por sua conta o sustento da família, mora de aluguel, sempre trabalhou em casa de família, mas procurou cursar o auxiliar de enfermagem e passou, mas há muitos anos não se empregou mais em hospitais, sempre que ficava desempregada ela passa a trabalhar em casa de família, nos últimos 2 anos como babá, lavava, faxinava, cozinhava, dormia no

emprego, só voltava em sua casa aos finais de semana, mas sempre está a procura por empregos como auxiliar de enfermagem.

Sempre dei duro, minha patroa me ajuda, procura vaga de auxiliar de enfermagem pra mim na internet, sei que to temporário aqui, mas espero dias melhores.

Conclui-se a partir dos relatos das quatro mulheres entrevistadas, apenas duas possuem carteira assinada, e apenas uma delas, vai da continuidade aos estudos e se mostra com sonhos e cheias de esperanças, pois isso só demonstra, que ela não trabalha por uma vida melhor, para fazer viagens, ou se vestir melhor ,ela trabalha por sobrevivência.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo se propôs a expor vidas de mulheres negras no mercado trabalho, mulheres que já ascenderam com o poder do feminismo negro como movimento, e do outro lado mostramos mulheres negras como empregadas domésticas, relatos dos quais observamos realidades distantes, até mesmo antagônicas, dos ganhos já alcançados na constituição, como também a partir dos movimentos feministas, pois elas não fazem parte de redes feministas de ativismos, elas estão apenas sobrevivendo, e procurando sua dignidade através do trabalho pesado, braçal, por longas horas de jornadas. Logo trazer essa mulher para a academia e ouvir sua voz, é contudo fazer a ponte entre a teoria, a prática, estudá-la, compreende-la. Desse modo as epistemologias da interseccionalidade nos mostra a verdadeira práxis dos estudos de feminismos e feminismo negro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGÊNCIA IBGE DE NOTÍCIAS: Disponível em: > Acesso em 16 de junho de 2018, 23:35.

AMARAL, Assunção José Pureza. **Da Senzala a Vitrine: Direitos iguais e oportunidades Diferentes no Mercado de Trabalho de Belém-Pa.** Artigo que integra dissertação de mestrado-Relações Raciais de Racismo no mercado de trabalho em Belém-Pa. NAEA/UFPA.2001.

CARDOSO, Ruth C. L. **A Aventura Antropologia: teoria e pesquisa.** Editora Paz e Terra .RJ 2004

CARNEIRO, Sueli. **Mulheres em Movimento.** ESTUDOS AVANÇADOS 17 (49), 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documentos para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Negro.** University of Califórnia ã Los Angeles ANO 10 174 1º SEMESTRE 2002.

COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a outsider within*:** a significação sociológica do pensamento feminista negro. Revista Sociedade e Estado – Volume 31 Número 1 janeiro /abril 2016

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. Tradução Heci Regina Candiane. 1.ed.-São Paulo: Boitempo, 2016

DEUS, Zélia Amador . **Os Herdeiros de Ananse**: movimentos negros, ações afirmativas e cotas para negros na universidade.2008. 295p.Tese(Doutorado em Ciências Sociais).Universidade Federal do Pará-Belém-PA.2008.

FUNDO DE DESENVOLVIMENTO DAS NAÇÕES UNIDAS PARAAS MULHERES/IPEA-PROGRAMA IGUALDA DE GENERO E RAÇA-2003

DEUS, Zélia Amador . **Os Herdeirosde Ananse**: movimerntos negros, ações afirmativas e cotas para negros na universidade.2008. 295p.Tese(Doutorado em Ciências Sociais).Universidade Federal do Pará-Belém-PA.2008.

GELEDÈS-INSTITUTO DA MULHER NEGRA- Angela Davis. Disponível em: https://www.geledes.org.br/angela-davis/?gclid=Cj0KCQjw6pLZBRcXARIsALaaY9bOsROF02DyHkzOhINS8ML0VXRdodFq4HN3BEWj3-6jUJxL2ShNQsYaAISAEALw_wcB > Acesso em 16 de junho de 2018, 22:58.

G1/PARÁ- disponível em:<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2016/03/mulheres-no-mercado-de-trabalho-sao-quase-14-milhoes-no-para-diz-dieese.html> Acesso em 31 de outubro de 2018.

GONSALEZ, Lélia. **Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira**. Revista Ciências Sociais, Anpocs, 1984, p. 223-244.

_____. Lélia Gonzalez: **Primaveras Para as Rosas Negras**. Diáspora Africana. Editora Filhos da África, 2018, 486 p. 1ª Edição.

HOOKS, Bell. **Mulheres negras**: moldando a teoria feminist Black women shaping feminist theory Revista Brasileira de Ciência Política, nº16. Brasília, janeiro - abril de 2015, pp. 193-210.

LORDE, Audre. Disponível em: <https://apoiamutua.milharal.org/files/2014/01/AUDRE-LORDE-leitura.pdf>>Acesso em 16 de junho de 2018, 23:26.

MENEGHEL, FARINA e RAMÃO. **História de Resistência de Mulheres Negras**. Estudos Feministas. 13(33 320. P. 567-583. 2005

PEIXOTO e SILVA, Rodrigo Correa Diniz e Jackson. **Segregação Racial na orla de Belém**: Os portos públicos da Estrada Nova e o Ver-o-peso. Boletim do museu Emílio Goeldi-Ciências Humanas. v 11,n 3, p.563-579.2016

PINTO, Celi Regina jardim. **Feminismo, história e Poder**. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PINSKY e PEDRO, Carla B. e Joana Machado. **Nova História das Mulheres no Brasil**, editora contexto, SP. 2012.

PRATES, Mônica Corrado. **Intersecções entre raça, gênero, sexualidade, meio ambiente e políticas públicas** / Mônica Prates Conrado ... [et al]. - Belém: Mônica Prates Conrado, 2012. 45 p. Vários autores Belém-PA.

SILVA et al. **O Trabalho de empregada Doméstica e seus impactos na Subjetividade**. Psicologia em revista. BH, v 23, n 1, p. 454-470, jan.2017.

